



A misoginia medieval e seus ecos nos Lais de Maria de França¹
Medieval Misogyny and its echoes in the Lais of Marie de France

Ruy de Oliveira ANDRADE FILHO²

Ligia Cristina CARVALHO³

Resumo: Os *Lais* de Maria de França são um tipo específico de registro histórico acerca da sociedade aristocrática medieval e nos possibilita decifrar as hierarquias que regem o relacionamento entre homens e mulheres no período. Como muito bem explica Georges Duby, a sociedade medieval tende a se apresentar revestida de um caráter masculino devido, entre outros fatores, à sua latente misoginia. As mulheres eram colocadas sob a autoridade masculina; convencidos da sua superioridade natural, os homens as desprezavam, zombavam do seu sexo, ao mesmo tempo que as temiam, afinal, eram filhas de Eva. Dito disto, os *Lais* oferecem imagens femininas que não podem ser desprezadas, posto que expressam a ideia que a autora fazia das mulheres. Entretanto, como procuramos demonstrar neste artigo, Maria de França reflete as representações presentes nesta sociedade aristocrática cristã. Percebe-se aqui que não aspiramos neste artigo alcançar o real vivido, mas o significado histórico das imagens femininas presentes nos *Lais*.

Abstract: The *Lais* of Marie de France are a specific type of historical record about the medieval aristocratic society and enables us to decipher the hierarchies that govern the relationship between men and women in the period. As well explains Georges Duby, medieval society tends to present coated with a male character because, among other factors, its latent misogyny.

¹ Como fonte primária básica, utilizamos a edição bilíngüe (francês arcaico-francês) de Laurence Harf-Lancner. Todos os versos citados em língua portuguesa neste trabalho foram traduções nossas, visto que, optamos conservar, na medida do possível, a forma e o conteúdo – a versão de Laurence Harf-Lancner ainda que conserve os versos, adapta o conteúdo.

² Professor de História Medieval da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/Assis). Departamento de História. *E-mail:* ruy.andrade@uol.com.br

³ Bolsista Capes. Discente do Programa de Doutorado em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/Assis). *E-mail:* licris2002@gmail.com



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Women were placed under male authority, convinced of their natural superiority, the men despised, mocked her sex, meanwhile feared them, after all, women were Eve's daughters. So, Lais offer female images that cannot be ignored, since it express the author women's idea. However, as we seek to demonstrate in this article, Maria of France reflects the representations of the Christian society aristocratic. One note here that this article does not aspire to reach the actual circumstances, but the historical significance of female images present in the *Lais*.

Palavras-chave: Misoginia – Literatura cavaleiresca – Maria de França – Imagens femininas.

Keywords: Misogyny – Chivalric literature – Maria of France – Female images.

RECEBIDO: 04.10.2013

ACEITO: 14.10.2013

I. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de parte da dissertação de mestrado intitulada “*O amor cortês e os Lais de Maria de França: um olhar historiográfico*”. Esse trabalho foi desenvolvido vinculado ao Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM) da UNESP de Assis, que despertou nossa atenção quanto à potencialidade dos estudos medievais.

No título de sua obra *Idade Média, Idade dos Homens*, Georges Duby sugere um fato evidente: a sociedade medieval era uma sociedade masculina, caracterizada pela misoginia latente que determinou o destino das mulheres e, conseqüentemente, suas representações iconográficas e literárias.

As ideias medievais acerca das mulheres foram alimentadas tanto pela Igreja quanto pela aristocracia, ou seja, por uma minoria com voz e pouco familiarizada com o sexo feminino, visto que os clérigos eram freqüentemente celibatários e os nobres, ainda com idade recuada, eram tirados do convívio



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

com sexo oposto para aprenderam a arte da guerra. Assim, nada mais compreensível que controlar o desconhecido afirmando sua inferioridade.⁴

Além da palavra, a escrita era um domínio que os homens reservavam para si e quanto a isto, vale citar a afirmação da burguesa de Bath, na obra de Geoffrey Chaucer (1343-1400), que coloca com precisão que a imagem do Outro é feita por aquele que possui o poder da escrita:

Por Deus, se as mulheres tivessem escrito histórias
Como o fizeram os clérigos nos seus oratórios,
Elas teriam narrado mais maldades sobre os homens
Que todos os que têm a marca de Adão nunca poderia reparar.⁵

Ainda que alguns escritos das mulheres tenham chegado até nós, a exemplo dos *Lais* de Maria de França, havia uma censura da escrita e da palavra feminina que nos faz recordar a história de Eco e Narciso narrada por Ovídio. Narciso e Eco são símbolos de dois estados, respectivamente, o isolamento em si próprio e a ressonância do outro.⁶

O domínio da palavra e o não reconhecimento do Outro – a mulher – por parte dos homens medievais influenciaram, de uma maneira ou de outra, na própria imagem que o feminino tem de si mesmo. Assim, ainda que nossa fonte seja de autoria feminina, temos que levar em conta que a autora não goza de uma total liberdade intelectual, pois, além de se ajustar às convenções poéticas do momento, ao estar inserida em um contexto histórico específico,

⁴ Como coloca Danielle Régner-Bohler: “Cruel sociedade onde a palavra tem o poder de fechar o outro numa imagem hedionda!” .RÉGNIER-BOHLER, D. “Vozes literárias, vozes místicas”. p. 525. *In: DUBY, G; PERROT, M. (Dir) História das mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. v. 2, p. 517- 591.

⁵ *Apud ibid.*, p. 525.

⁶ Assim, Danielle Régner-Bohler coloca: “A mulher medieval é reenviada à inanidade da sua palavra; objeto de uma censura narcísica, a que dita o homem perseguido pelo perigo de uma reprodução de si próprio, ou impelido pela febre diabólica que o conduz a não encontrar senão a si próprio, portanto a nunca reconhecer o Outro”, *Ibid.*, p. 522. Ver também ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. “Um estudo de caso sobre as representações da mulher na literatura medieval: O Conto do Homem do Mar de Geoffrey Chaucer”. *In: Outros Tempos*, vol. 10, n.15, p. 225-243, 2013; DEPLAGNE, Luciana Calado. “Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero”. *In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

ecoa o sistema ideológico prevalecente. A predominante degradação da mulher só será combatida no século XIV por Cristina de Pisano, escritora disposta e capaz de clamar diretamente por seu sexo.⁷

Entretanto, não devemos esquecer que a literatura cortês, diferente da velha poesia épica e das canções de gesta direcionadas predominantemente a auditórios masculinos, pretende agradar as damas da corte, clientela que passa a ser levada em conta, ainda que, a diversão dos homens, em especial, dos cavaleiros, continue sendo um dos objetivos da composição. Tendo isto em vista, a reflexão acerca da representação da mulher nos *Lais* será mais adequada.

II. A mulher e o pecado

Para compreendermos a misoginia medieval torna-se necessário retomarmos o mito de origem de Adão e Eva relatado na Bíblia, na primeira parte do livro do Gênesis, no qual está escrito que Deus modelou o homem a partir da argila e colocou-o no Jardim do Éden. Em busca de uma auxiliar que fosse semelhante a Adão, Deus modelou uma mulher a partir de sua costela. Esta mulher, Eva, ao ser convencida por uma astuta serpente, comeu do fruto proibido e deu-o a seu companheiro.

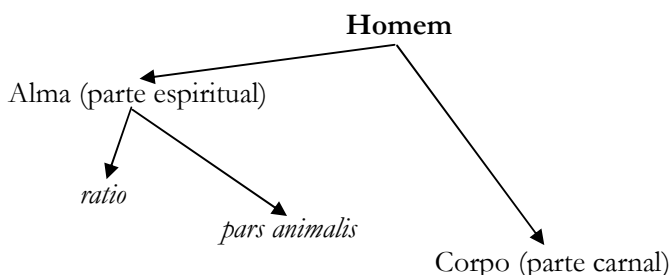
Após esta infração, o casal que até então vivia nu e não sentia vergonha, cobriu-se com folhas. Descobrendo a desobediência, Deus disse à mulher que ela sofreria no parto, e que a paixão a lançaria para o marido, que a dominaria (Gn 3, 16). A maldição estava lançada e, também, os principais elementos para justificar a condição humana e por conseguinte a misoginia medieval, fundamentados, em particular, pelos escritos dos primeiros Padres da Igreja.

Santo Agostinho (354-430) escreveu o mais profundo comentário do *Gênesis* em resposta aos maniqueus.⁸ Em seus escritos, o bispo de Hipona reflete sobre as relações entre os sexos baseando-se no versículo bíblico “macho e fêmea ele os criou” (Gn 1, 27) que, para ele significa que, em cada ser humano, coexistem o masculino e o feminino.

⁷ POWER, E. *Mujeres Medievales*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1986, p. 18.

⁸ Sobre as considerações seguintes a respeito de Santo Agostinho ver capítulo “A Queda”. DUBY, G. *Eva e os padres – Damas do século XII*. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 43-68.

O homem é formado por duas partes: o corpo, parte carnal, e a alma, parte espiritual, sendo que a primeira está subordinada a segunda. Também a alma está dividida em duas: a *pars animalis* e a *ratio*, sendo que a alma comanda o corpo por meio desta *pars animalis* que, por conseguinte, é submetida à *ratio*:



A *ratio* é dita *virilis*, razão viril, e é o princípio masculino, já o princípio feminino é identificado ao *appetitus*, o desejo. Assim, na reflexão agostiniana, a mulher não é desprovida de razão, entretanto, o desejo, a parte animal, predomina; no homem, ao contrário, a razão, a parte espiritual, prevalece. Por fim, esta hierarquia interior deve refletir a hierarquia exterior, ou seja, a parte espiritual e racional deve dominar a parte animal e desejosa: o homem deve dominar a mulher.

Além disso, Santo Agostinho afirma que a mulher, ainda que semelhante ao homem, foi criada para ser sua auxiliar, o que já supõe sua submissão. Mas porque foi criada uma mulher em vez de outro homem que seria mais útil? Para o bispo de Hipona, a procriação seria a única razão para a criação da mulher como auxiliar, procriação esta que não foi possível no Paraíso devido à falta de tempo ocasionada pela rápida infração decorrente da mulher que, para ele, desobedeceu de caso pensado, posto que, na resposta a serpente, a mulher deixa claro que não esqueceu a proibição de Deus (Gn 3, 2-3).

O sofrimento, o trabalho e a morte entraram no mundo devido à falta de Eva, que sofreu duas punições: daria à luz na dor e seria sujeita ao homem. Segundo o bispo de Hipona, desde sua criação a mulher teria sido feita para ser dominada pelo homem, mas antes do pecado a sujeição era por “afeição” e depois do pecado passou a ser por “condição”.

Mas não apenas Santo Agostinho via o papel ativo da mulher na Queda. Seu contemporâneo, Ambrósio de Milão (340-397) afirmou: “a mulher é que foi a



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

autora da falta para o homem, não o homem para a mulher”.⁹ Mais de um século antes, Tertuliano (155-223), em seus polêmicos escritos, foi mais além ao identificar a serpente com o Diabo e a mulher com a tentadora: “Não sabes tu que és Eva, tu também? A sentença de Deus tem ainda hoje todo o vigor sobre este sexo, é preciso portanto que a sua culpa subsista também. Tu és a porta do Diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar da lei divina”.¹⁰ A metáfora da porta também aparece em São Jerônimo (341-420) – colocado pelo autor Friedrich Heer como o santo patrono dos misóginos: “A mulher é a porta do mal, o caminho da perversão, o veneno da serpente, numa palavra, um objeto perigoso”.¹¹

Portanto, a imagem da mulher como porta do mal, ou ainda, instrumento do demônio, ser humano ao mesmo tempo inferior e perigoso, concretizou-se no início da história da Igreja, por meio dos escritos dos primeiros Padres da Igreja, que muniram seus sucessores de argumentos para transferir a culpa do pecado à Eva e, conseqüentemente, às suas descendentes.

Para exemplificar este fato, vale citar um contemporâneo de Maria de França, Étienne de Fougères (†1178).¹² Capelão de Henrique Plantageneta, Étienne de Fougères tornou-se, devido seus bons serviços, bispo de Rennes em 1168. Este clérigo escreveu em latim a vida de muitos santos, dentre os quais encontra-se Guillaume Firmat que, procurando terminar sua vida na pobreza e na abstinência tornando-se eremita, acabou sendo alvo de uma grande tentação: uma mulher tenta seduzi-lo.

Contra o fogo do desejo, Guillaume Firmat usa o fogo natural, queimando sua carne com um tição. Vendo isto, a mulher se arrepende. Portanto: “Vitória sobre si, sobre a concupiscência, vitória sobre o poder feminino, sobre o perigo que vem das mulheres. Para Étienne, a mulher é portadora do mal”.¹³

⁹ *Apud* DALARUN, J. Olhares de clérigos, p. 35. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir), *op. cit.* v. 2, p. 29-63.

¹⁰ *Apud Ibid.*, p. 35.

¹¹ *Apud* HEER, F. *O mundo medieval*. São Paulo: Ed Arcádia Limitada, 1968, p. 341.

¹² Os comentários seguintes acerca de Étienne de Fougères e suas obras baseiam-se no capítulo “Os pecados das mulheres”. DUBY, G., *op. cit.*, p. 9-41.

¹³ DUBY, G., *op. cit.* p. 12. Importante constatar que, o disfarce do diabo numa rapariga, presente na biografia de muitos santos, é um *topos* e serve para exaltar a virtude do protagonista na luta contra o maligno. “Igualmente habitual na biografia de um santo é o acto de exorcismo. A presença numericamente muito mais abundante de possessas do que

Já uma história contrária nos causa grande surpresa. O cronista inglês Raoul de Coggeshall (†1227) diz que, por volta de 1180, o comensal do arcebispo de Reims, o cônego Gervais de Tilbury, durante um passeio entre as vinhas na região de Champagne, encontrou com uma moça atraente. Dirige-se a ela para falar “cortesmente de amor lascivo” para, em seguida, ir mais longe. Para sua surpresa, a moça, tratando-o com rudeza, não sede à suas investidas. Sem demora, o cônego a identifica como uma herética, “uma dessas cátaras que se obstinam em considerar toda cópula diabólica. Ele tenta trazê-la à razão, não consegue. Denuncia. Ela é presa. Julgada. A prova é incontestável. Ela é queimada”.¹⁴

Esta curiosa história serve para demonstrar como os clérigos desse tempo acreditavam que a mulher era “um objeto entregue sem resistência aos apetites masculinos”¹⁵. Como já havia colocado Gregório Magno (c. 540-604): “Que se deve entender por ‘mulher’ se não a vontade da carne?”¹⁶. Portanto, o peso do carnal pesava sobremaneira na imagem da mulher, tida como excessivamente luxuriosa e ardente. Ora, nada mais natural então que servir da imagem feminina para representar a Luxúria que, diferente de outros vícios que necessitam de um atributo que os caracterize, utiliza somente o corpo da mulher, que por si só já é uma alegoria.¹⁷

Nos *Lais*, as personagens femininas entregam-se sem muita demora e rodeio aos prazeres da carne. Mas essa entrega tem a ver menos com luxúria do que

de possessos explica-se pela correlação mulher-diabo, tão habitual que conduzia o espectador a considerar como perfeitamente natural o facto de o habitáculo preferido do demônio ser o gênero feminino”. FRUGONI, C. “A mulher nas imagens, a mulher imaginada”, p. 467. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 461-511.

¹⁴ DUBY, G., *op. cit.*, p. 65.

¹⁵ *Ibid.*, p. 64.

¹⁶ *Apud* FRUGONI, C. “A mulher nas imagens, a mulher imaginada”, p. 465. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 461-511.

¹⁷ Ver “A mulher como símbolo”, p. 478-482. FRUGONI, C. “A mulher nas imagens, a mulher imaginada”. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 461-511. Neste mesmo viés, Jacques Le Goff coloca que “o horror pelo corpo atinge o auge nos seus aspectos sexuais. O pecado original, pecado de orgulho intelectual, de desafio intelectual a Deus, é transformado pelo cristianismo medieval em pecado sexual. O desprezo pelo corpo e pelo sexo toca assim o seu ponto máximo no corpo feminino. Desde Eva até à bruxa dos fins da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do diabo. LE GOFF, J. “Observações sobre corpo e ideologia no Ocidente medieval”, p. 59. *In*: *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*. Porto: Edições 70, 1985, p. 59-62.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

com espontaneidade e sinceridade dos sentimentos. Maria de França afirma, por meio do personagem Guigemar, que deve-se fazer de rogada a mulher leviana por profissão, pois de tal modo, dará a impressão de nunca ter provado desse deleite, tornando-se assim mais cara. Mas, a mulher valorosa, ao encontrar um homem de seu agrado, não deve se fazer de orgulhosa, antes o amar. Ora, a autora parece não ver na entrega total de si indício de luxúria mas, o contrário, pode levar a outro pecado, o orgulho. Entretanto, essa entrega deve ocorrer dentro de um contexto amoroso e não simplesmente sexual.

Na obra o *Tratado do amor Cortês*, escrito no século XII por André Capelão, encontramos a afirmação de que “a mulher, sob efeito da luxúria, se entrega sem hesitar a um homem que a corteje e se mostra pronta a conceder o mesmo a outro pretendente, *sem que nenhum vestígio de amor subsista nela depois de se entregar*, e sem que ela aceite de modo algum ser paga”¹⁸ (grifo nosso). Em discordância nítida com a autora, para André Capelão, “o amor, com certeza, não existe em mulher que ceda sem reticências a alguém que a corteje”¹⁹ e, após uma crítica a luxúria, o autor finaliza: “Deve ficar perfeitamente claro que debes absolutamente rejeitar os excessos de luxúria e não querer ser amado por uma mulher que conceda sem reservas o que lhe pedem”.²⁰

Deste modo, no que diz respeito ao prazer sexual, André Capelão adota uma postura mais judiciosa. Já Maria de França, ao não privar suas personagens do prazer sexual, parece questionar a ordem vigente, propondo talvez, de maneira tímida, uma emancipação feminina. Vale ratificar que não é de luxúria que a autora fala, mas de entrega no amor. Dissociação esta ausente em uma afirmação de André Capelão que aconselha abster-nos do amor, visto que, “a castidade e a continência são contadas como virtudes, donde seus contrários, ou seja, a luxúria e a volúpia, serem necessariamente classificados entre os vícios”.²¹ Então, questiona o autor, por que procurar amar?

Inspirada na filosofia monacal, a reforma eclesiástica, com suas prescrições, corroborou com a idéia de que o sexo é fonte do pecado. E, ao contrário do

¹⁸ ANDRÉ CAPELÃO. *Tratado do Amor cortês* (introd., trad. do latim e notas de Claude Buridant). São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 204-205.

¹⁹ *Ibid.*, p. 205.

²⁰ *Ibid.*, p. 206.

²¹ ANDRÉ CAPELÃO, *op. cit.*, p. 275.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

que se supõe, a condenação da sexualidade não foi inaugurada pelo cristianismo, mas pelos romanos, que preocupados com a virilidade, acreditavam que o prazer ocasionava o esgotamento do corpo. O que o cristianismo fez foi generalizar esta moral sexual e somar a ela outro motivo: “a exigência de pureza, justificada pela aproximação do fim do mundo”.²²

Com a reforma eclesiástica, a sexualidade serviu de barreira divisória entre o clero e os laicos: “de um lado aqueles a quem o uso das mulheres é proibido com rigor, de outro os que devem possuir uma, mas uma só e legítima, e que, necessariamente maculados por isso, situam-se na hierarquia dos méritos abaixo dos assexuados, e portanto submissos a seu poder”.²³

Entretanto, a classificação masculina que mais vigorava era a da tripartição baseada na função que os homens desempenhavam na vida pública (*oratores, bellatores e laboratores*). Já a classificação feminina que obteve mais sucesso foi a baseada no grau de pureza sexual:

Quando Alão de Lille, Tiago de Vitry, Vicente de Beauvais, Guilherme Peraldo, Gilberto de Tournai, João de Gales decidem falar às mulheres, tal como acontecera a muitos antes deles, as mulheres que se apresentam aos seus olhos são mulheres que usam de modo diverso a sua sexualidade: algumas, as virgens, renunciam a ela completamente e para sempre com base numa decisão voluntária e consciente; outras, as viúvas, podem renunciar após um evento fortuito que as privou da companhia do marido; outras ainda, as mulheres casadas, limitam-se a um uso parcimonioso do seu sexo no interior e em função da família.²⁴

Essas três categorias femininas são antigas e, presentes nos Padres da Igreja, foram continuamente evocadas nos escritos de homens santos e doutos, tanto é que, “entre finais do século XII e o início do século XIV, virgens, viúvas e esposas impõem-se portanto como as principais interlocutoras de pregadores

²² LE GOFF, J. “Cena 3. A Idade Média: E a carne se torna pecado...”, p. 63. *In*: SIMONET, D. (et al.) *A mais bela história do amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual do século XXI*. Rio de Janeiro: Difel, 2003, p. 55-69.

²³ DUBY, G. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII: uma investigação*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 47-48.

²⁴ CASAGRANDE, C. “A mulher sob custódia”, p. 110. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 99-141. Ver sobre as diferentes classificações das mulheres em “Falar a que mulheres”, p. 101-116.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

e moralistas”.²⁵ Percebe-se que esta ordenação feminina relaciona-se com o elemento masculino, ou seja, as três categorias das mulheres são definidas a partir da relação que elas mantêm com os homens.

Como podemos notar, o topo dessa classificação hierárquica é ocupado pelas virgens. O que os cristãos fizeram foi retomar e promover o prestígio das virgens que a religião romana já exaltava.²⁶ O cristianismo, fornecendo bases nas Escrituras, colocou a virgindade como estado de perfeição, principalmente durante o século XI e XII. Fato que pode ser justificado devido à confluência de vários fatores: a propagação do modelo monástico, a reforma eclesiástica, o temor do fim do mundo e a promoção do culto mariano.²⁷

De acordo com a citação acima, a viúva, embora já tivesse perdido seu selo virginal, poderia conservar-se sem marido e, com isso, renunciar a prática sexual. Tal renúncia não poderia ser feita pelas mulheres casadas, visto que, a união sexual é dever dos esposos. Mas, segundo os clérigos, as três categorias femininas poderiam viver a castidade de formas diferentes: para as virgens e viúvas a recusa da sexualidade, para as mulheres casadas o controle com fins procriativos. O ideal de virgindade pode ser em parte preenchido pela castidade e fidelidade. Neste sentido, vale citarmos São Paulo, que na sua reflexão sobre o matrimônio e o celibato afirma:

Passemos agora ao que vocês escreveram: “É bom que o homem se abstenha de mulher”. Todavia, para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa, e cada mulher tenha o seu marido. *O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa, e a esposa faça o mesmo com o marido*. A esposa não é dona do seu corpo, e sim o marido. Do mesmo modo, o marido não é dono do seu próprio corpo, e sim a esposa. Não se recusem um ao outro, a não ser que estejam de comum acordo e por algum tempo, para se entregarem a oração; depois disso, voltem a unir-se, a fim de que Satanás não os tente por não poderem dominar-se. Digo isso como concessão, e não como ordem. Eu gostaria que todos os homens fossem como eu. [...].

²⁵ *Ibid.*, p. 114.

²⁶ LE GOFF, J. “Cena 3. A Idade Média: E a carne se torna pecado...”. In: SIMONET, D. (*et al.*), *op. cit.*, p. 55-69.

²⁷ L'HERMITE-LECLERCQ, P. “A ordem feudal (séculos XI-XII)”. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 273-329. *Espelho das virgens*, é uma obra anônima, escrita por volta de 1100 na região de Colônia. Esta obra, da qual possuímos cinquenta e quatro manuscritos, é um manual de direção que teve sucesso e apresenta-se aos olhos do historiador como testemunho do fascínio da época pela virgindade (p. 317).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Aos solteiros e às viúvas, digo que seria melhor que ficassem como eu. Mas se não são capazes de dominar seus desejos, então se casem, pois é melhor casar-se do que ficar fervendo. (1 Cor 7, 1-9; grifo nosso)

Nota-se que os escritos paulinos prescrevem a igualdade entre os esposos nas relações carnavais. Ora, ainda que a nova definição de casamento proposta pela Igreja coloque a igualdade dos cônjuges na troca dos consentimentos²⁸, tal não acontecia. Assim, a troca recíproca e paritária entre os esposos ocorre somente no contexto do dever conjugal, no qual cada um, tanto o marido quanto a esposa, tem o mesmo direito de requerer o pagamento da dívida conjugal e também o direito de recusar, desde que as condições de legitimidade não estejam asseguradas.²⁹

Maria de França, no entanto, procura demonstrar a igualdade entre homem e mulher no contexto sentimental, ou seja, no amor. Assim, nos *Lais* os homens solicitam o amor das mulheres, mas o contrário também é verdadeiro, nos *lais* de “*Milun*” e de “*Eliduc*”, são as mulheres que tomam a iniciativa de pedir o amor ao cavaleiro.

A autora também não confina a sexualidade ao quadro conjugal. Em seus escritos, percebemos que as condições de legitimidade estão garantidas pelo amor e não pelo laço matrimonial. Em vista disto, nos *Lais*, ao contrário do que pretendia a Igreja, as mulheres que ainda não contraíram matrimônio não permanecem necessariamente virgens, fato que está evidente nos *lais* de “*Freixo*” e “*Milun*”.

Entretanto, uma situação diferente é encontrada no *lai* de “*Eliduc*”. Eliduc, embora casado, ama outra mulher e é por ela amado e, na linha que estávamos percorrendo, tal amor justificaria uma união carnal, porém, a autora coloca que nos seus encontros, o amor se manifestava por galanteios, conversas e

²⁸ Preocupada com a indissolubilidade das uniões, já que por volta de 1100 começa haver uma crise no casamento aristocrático, fato percebido pela frequência das separações, a Igreja, em meados do século XII, procurou implantar na alta aristocracia a ideia que o vínculo conjugal deveria ocorrer por consentimento mútuo, mas havia questões sociais, políticas e econômicas que impossibilitavam a realização deste ideal. BARTHÉLEMY, Dominique. “Parentesco”. In: ARIÉS, P., DUBY, G. (dir.) *História da vida privada*: da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, v. 2, p. 96-161.

²⁹ VECCHIO, S. “A boa esposa”. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 143-183.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

trocas de belos presentes, não havendo entre eles nenhuma extravagância, leviandade nem vilania (Eliduc, vv. 575-580), somando-se a isto, o personagem Eliduc (vv. 601-602) afirma: “*S’a m’amie esteie espuzes,/ nel suferreit crestiëntez*” (“Se desposasse minha amiga,/ a lei cristã não o toleraria”).

Como esclarecer esta aparente contradição nos *Lais*? Uma única explicação nos ocorre: Maria de França parece querer demonstrar que o sentimento amoroso não leva necessariamente a prática sexual, esta pode ser uma conseqüência natural e não um fim irrefutável. Eliduc não pode conter o sentimento por outra mulher que não é a sua esposa, porém não transgrediu a lei cristã. Mas que fique claro que *a contenção partiu dele* e não de sua amiga, que já o havia tornado senhor do seu corpo.

Não obstante, se entendemos por luxúria um comportamento desregrado com relação aos prazeres do sexo, o qualitativo “luxuriosas” torna-se inadequado, ou ainda, demasiado para as personagens de Maria de França, que ainda que não sejam castas, entregam-se aos deleites sexuais somente quando sentem-se seguras do amor do outro.

III. Sejam fecundas

De qualquer maneira, não negamos que a autora esteja impregnada de ideias acerca das mulheres presentes no pensamento medieval. A exemplo de Santo Agostinho, os teólogos consideravam-a “como um corpo que escapa ao domínio de um espírito, como um ser governado pelos seus órgãos, e em particular pelos seus órgãos sexuais”.³⁰ A definição da natureza feminina está

³⁰ THOMASSET, C. “Da natureza feminina”, p. 65. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 65-97. Neste artigo, podemos perceber que o medo das mulheres é guarnecido por muitas afirmações presentes na literatura médica medieval. Quanto a questão do prazer, vale destacar que na mitologia grega, Tirésias foi sucessivamente homem e mulher. Sendo assim, pode afirmar que o prazer da mulher ultrapassa o prazer do homem, devido a esta revelação foi condenado por Hera. Segundo Thomasset, o “desejo de adquirir este saber persegue os espíritos medievais. Com precauções desajeitadas, os clérigos, em busca de público para as suas compilações, quando abordam a sexualidade falam em termos de saberes esotéricos, de ‘segredos de mulheres’ ” (p. 86). No que diz respeito ao corpo, vale colocar que este era visto como um envoltório, uma casa que os moralistas convocam a proteger as “janelas” que são os olhos, a boca, as orelhas, as narinas. Neste sentido, o corpo feminino, por ser “menos fechado”, era considerado mais permeável à corrupção, sendo assim, requer uma vigilância maior, e é ao homem que cabe o papel de guarda.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

ligada ao princípio de finalidade que impera desde Isidoro de Sevilha (560-636).

Assim, as “palavras reservadas para definir a mulher servem unicamente para evocar a sua função principal: até a sua fraqueza física, garantia de submissão ao homem, favorece a procriação”.³¹

Procriar. Sim, esta era considerada a principal função da mulher na Idade Média. A maternidade, além de conferia à mulher uma existência, ou ainda uma posição social, era um elemento de legitimação do casal. Assim, o homem deve rezear o apetite sexual feminino, mas em contrapartida assegurar-se da sua fecundidade³², visto que, aí jaz o sucesso dos matrimônios. Era comum na Idade Média as esposas serem repudiadas ao não garantir filhos aos maridos, por isso recorriam a religião e a sortilégios:

Toda a sociedade tem os olhos voltados para o casal estéril. [...] Todas as práticas ligadas a crenças populares herdadas das civilizações anteriores e a multiplicação de santos com poderes fecundantes testemunham a importância do que está em jogo. *A exigência da fecundidade culpabiliza a mulher*, faz nascer a troca no seio do grupo das mulheres e reforça a sua solidariedade e coesão.³³
(grifo nosso)

Como destacado acima, a mulher era sempre responsabilizada pela esterilidade. Entretanto, nesta sociedade, antes de ser uma benção, a fecundidade era antes uma maldição e, como afirma Jacques Le Goff, “daí a interpretação sexual e procriativa do pecado original”.³⁴ Como consta no texto do Gênesis, pelo pecado de Eva, as mulheres foram condenadas a sofrer durante a gravidez e na hora do parto, e não erramos ao afirmar que muitas também eram condenadas a morte: “eram a gravidez e o parto – e isso está claramente verificado – que constituíam um verdadeiro risco para a vida da

DUBY, G. “A solidão nos séculos XI-XIII”. In: ARIÉS, P., DUBY, G. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 503-526.

³¹ THOMASSET, C. “Da natureza feminina”, p. 65. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 65-97.

³² *Ibid.*, p. 85.

³³ *Ibid.*, p. 91.

³⁴ LE GOFF, J. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 2, p. 42.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

mulher; a demografia descreve-os como factores de ‘sobremortalidade’ das mulheres durante a fase fértil da sua vida”.³⁵

Entretanto, este mesmo meio de punição torna-se instrumento de salvação: “ela será salva pela maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade” (1Tm 2, 15). Ora, se a mulher foi “gerada para gerar”, os métodos de contraceção, o aborto e o infanticídio tornam-se práticas pecaminosas de *responsabilidade feminina*, já que Deus disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se” (Gn 1, 28).

Como analisar a maternidade e também sua ausência nos *Lais*? A princípio, podemos ser levados a considerar que Maria de França, ao privar a maioria de suas personagens femininas da maternidade, estaria privando-as da condenação do pecado de Eva, entretanto, como afirma Georges Duby ao falar de Isolda, “a estrutura da intriga o proíbia, assim como a opinião comum, que desejava ardentemente que a mulher adúltera fosse estéril tanto para sua punição como para evitar a bastardia, cujo temor obsessivo habitava então o espírito de todos os chefes de família”.³⁶

A exemplo disto temos o *lai* de *Guigemar*, de *Equitan*, de *Rouxinol* e de *Madressilva*, nos quais a autora não faz referência a nenhuma gravidez da dama, que permanecia infértil em suas relações tanto com o marido quanto com o “amigo”. É evidente que a autora não alude a práticas anticonceptivas, mas entendemos que nem é este o caso, mas sim a ideia de que a mulher não tem apenas e inevitavelmente o papel de procriar. Também está claro na fonte que a mulher adúltera não é necessariamente estéril, como comprova o *lai* de *Yonec*, no qual o filho, resultado de uma relação extra-conjugal, por ter nascido no quadro do casamento é assumido pelo marido da dama. Já no *lai* de *Milun*, a jovem, por ser solteira, não pode ser acusada de adultério,

*Quant aparçut qu’ele est enceinte,
Milun manda, si fist sa pleinte.
Dist li cument est avenu,
s’onur e su bien a perdu,
quant de tel fet s’est entremisse;
de li iert faite granz justicse.*

Quando percebeu que estava grávida,
chama Milun, e se lamenta.
Diz-lhe o que aconteceu,
sua honra e seu bem perdeu,
quando a tal ponto se comprometeu;
dela farão grande justiça:

³⁵ OPITZ, C. “O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)”, p. 360. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 353-435.

³⁶ DUBY, G. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII: uma investigação*, *op. cit.*, p. 93.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

a glaive sera turmentee a fio de espada será passada
u vendue em altre cuntree (Milun vv. 55-62) ou vendida em outro país.

Aqui fica claro como a sociedade medieval valorizava a virgindade antes do casamento, o que estava em jogo não era somente os interditos religiosos, mas a honra da mulher e também a honra da família. A gravidez da “amiga” de Milun era a prova irrefutável da perda da virgindade, assim, a donzela opta por camuflar seu delito, mas não cogita nem o aborto nem o infanticídio.

A solução proposta pela donzela é que Milun, logo após o nascimento, leve a criança a sua irmã, o que, de certa maneira, podemos classificar como um caso de abandono, que também está presente no *lai* de *Freixo*: a Dama engravidada de seu marido, nascem duas meninas, a mãe precisa se desfazer de uma das filhas, deixa então que uma das crianças seja levada pela sua fiel serviçal a um mosteiro.

IV. Vícios e defeitos femininos

Qual a razão que levou a dama no *lai* de *Freixo* a abandonar uma de suas filhas, sendo que foram concebidas dentro de uma relação conjugal? A razão está no fato da Dama ter se mostrado maledicente: a esposa de um cavaleiro deu à luz, simultaneamente, a duas crianças. Seu marido ficou muito feliz e mandou dar a notícia para o seu amigo vizinho, convidando-o para batizar com o seu nome uma delas. Quando o mensageiro passou o recado ao rico homem, sua mulher, que estava sentada ao seu lado, pôs-se a rir,

kar ele ert feinte e orguilluse
e mesdisanz e enviüise.
Ele parla mult folement
e dist oant tute as gente:
‘Si m’ait Deus, jo m’esmerveil
u cistprozum prist cest cunseil,
qu’il a mandé a mun seignur
sa hunte a as grant deshour,
que as femme a eüiz dous fiz.
E il e ele em sunt huniz.
Nus savum bien qu’il i afiert:
unques ne fu ne já nen iert
ne n’avendra cele aventure
qu’a une sule porteüre
une femme dous enfanz ait,

porque ela era falsa e orgulhosa
e maledicente e invejosa.
Ela falou muito loucamente
e disse diante de toda sua gente:
‘Que Deus me ajude, eu me maravilho
com a atitude deste gentil homem,
que informou a meu senhor
sua vergonha e sua grande desonra,
que sua mulher teve dois filhos.
E ele e ela estão desonrados.
Nós sabemos bem o que isto significa:
nunca ocorreu e nem jamais
ocorrerá este acontecimento,
que em um só parto,
uma mulher ter duas crianças,



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

se dui hume ne li unt fait' (Freixo, vv.27-42) sem que dois homens as tenham feito.'

As imoderadas e perversas palavras da Dama, ao se alastrarem, tornaram-se fonte de conflitos conjugais. Assim, a personagem de Maria de França é castigada ao também engravidar de duas crianças.

Portanto, a Dama, ao ser insensata caluniando a esposa do vizinho, sofre as conseqüências de suas próprias palavras.³⁷ Sabendo que seu marido e toda sua família não acreditariam em sua fidelidade, pois ela mesma se julgou ao difamar todas as mulheres, a dama decide matar uma das crianças para proteger-se da desonra, afirmando que prefere responder perante Deus do que desonrar-se. Aqui parece que Maria de França afirma que na aristocracia medieval pior que as punições divinas era a desonra perante o marido e sua parentela, pois como já foi posto, a moral aristocrática, mas também a moral eclesiástica, considerava o adultério feminino uma grave falta, ocasionando até a morte da traidora. Diante disto, o infanticídio, se não descoberto – visto que também ocasionava severas punições – , mostra-se como a melhor saída. Foi então que sua serviçal propôs pegar a criança e leva-la a um mosteiro.

Mas, não é só no *lai* de *Freixo* que a autora apresenta defeitos considerados femininos. No *lai* de *Lanval* temos outro exemplo de maledicência feminina. Lanval tinha uma “amiga” que o advertiu que, se ele revelasse para alguém o amor que viviam, a perderia para sempre. Mas, a rainha ao ver Lanval, vassalo de seu marido Artur, ficou enamorada e ofereceu seu amor, Laval afirmou que não tinha a intenção de amá-la, para não trair a fé que seu senhor lhe depositava.

Lanval utiliza-se da desculpa da moral vassálica para não contar seu segredo. Mas, ao ser surpreendida com a recusa de Lanval, a rainha ficou furiosa e acusou-o de não ter desejos de mulher e de “se divertir” com seus valetes. Quando ouviu estas palavras, Lanval defendeu-se e revelou que amava e era amado por aquela que ultrapassa, em mérito, todas as mulheres que conhecia. Disse ainda que qualquer uma das que a servem, excede a rainha em corpo, rosto e beleza, em educação e bondade.

³⁷ Também na *Chanson du chevalier au cygne*, a rainha Beatrix difamou uma mãe da gêmeos e ela própria deu à luz a seis filhos. Cf. RÉGNIER-BOHLER, D. “Ficções”. In: ARIÉS, P., DUBY, G. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 311-391.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

O medo da palavra feminina atormentava os espíritos medievais e juntava-se ao medo da sua carne e do seu desejo.³⁸ Na personagem da rainha, Maria de França corporifica esses medos. A rainha ao desejar Lanval, solicita seu amor, mas este recusa. Ao ser rejeitada pelo cavaleiro, a rainha o acusa de homossexualidade e, ao saber da existência de uma rival e sentir-se humilhada, usa sua palavra mortífera e conta ao rei uma versão inversa do ocorrido:

<i>dit que Lanval l'a humie:</i>	disse que Lanval a humilhou:
<i>de druerie la requista;</i>	como amante a requeriui;
<i>pur ceo qu'ele l'em escundist,</i>	por ter ela recusado,
<i>mult la laidi e avilla</i> (Lanval, vv.318-321)	muito a insultou e aviltou

Este *lai* assemelha-se ao tema bíblico da mulher de Putifar, que ao ser recusada por José, escravo de seu marido, acusa-o (Gn 39). Além deste paralelo, entrevemos no *lai* trechos bíblicos de caráter misógino: “Nenhuma ferida é como a do coração, e maldade nenhuma é como a da mulher!” (Eclo 25,12); “Meu coração teme três coisas, e uma quarta me assusta: calúnia espalhada pela cidade, revolta do povo e acusação falsa. Tudo isso é pior que a morte. Mas a mulher ciumenta de uma rival causa grande dor e aflição. E a praga da língua é o ponto comum de todas essas coisas” (Eclo 26,5-6).

Não queremos afirmar que os *Lais* foram baseados diretamente em conceitos da Bíblia, visto que, tal opinião sobre a mulher fazia parte do senso comum e era reiterada pelos escritos eclesiásticos. Como coloca Carla Casagrande, embora enquadradas,

...as mulheres falam, e segundo os pregadores e moralistas falam demasiado e mal: mentem com habilidade, trocam maledicências, discutem continuamente, são insistentes e lamurientas, nunca param de tagarelar. Todos os lugares comuns de uma secular literatura misógina estão depositados nos sermões e nos tratados morais dirigidos às mulheres, dando delas a imagem fastidiosa de uma mulher faladora e petulante que usa de modo perverso aquela extraordinária faculdade humana que é a palavra.³⁹

³⁸ *Idem*. “Vozes literárias, vozes místicas”. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 517- 591.

³⁹ CASAGRANDE, C. “A mulher sob custódia”, p. 133. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 99-141. Ver a compilação de 25 poemas misóginos traduzidos para o casteliano RODRIGUEZ-ESCALONA, M. P. *Poesía misógina en la Edad Media latina (ss.XI-XIII)*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1995.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Como não citar Marbode de Rennes (1035-1123)? O poema *Da mulher má*, presente na terceira parte do *Livro dos dez capítulos* escrito por este bispo, é um dos textos literários, que chegaram até nós, mais misógino, superando a *Sexta Sátira* de Juvenal (60-140), a qual Marbode faz uso, e equiparando o *Cântico sobre o desprezo do mundo* de Rogério de Caen († c.140).⁴⁰ Neste poema, o bispo de Rennes parece reunir as imagens misóginas presentes na sua cultura clássica e patrística. Assim, o autor afirma que a *femina* é “a pior das armadilhas preparadas pelo Inimigo”, “raiz do mal, fruto de todos os vícios”. O termo *femina* converte-se para *meretrix*, e a lista dos defeitos femininos prossegue: traidora, briguenta, avara, leviana, ciumenta, ventre voraz, por isso, aconselha os clérigos-escolares a fugirem dessa fornalha.

A mulher era colocada como inimiga do “gênero masculino”, o que é afirmado de maneira clara e direta por Hildeberto de Lavardin (1056-1133), que considera o dinheiro, as honras e a mulher os três maiores inimigos do homem:

A mulher, coisa frágil, inconstante a não ser no crime, não deixa nunca espontaneamente de ser nociva. A mulher, chama voraz, loucura extrema, inimiga íntima, aprende e ensina tudo que pode prejudicar. A mulher, vil *forum*, coisa pública, nascida para enganar, pensa ter triunfado quando pode ser culpada. Consumindo tudo no vício, é consumida por todos; predadora dos homens torna-se a própria presa.⁴¹

Neste mesmo viés, Godofredo de Vandoma († 1132) escreve:

Este sexo envenenou nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Batista, entregou o corajoso Sansão à morte. De uma certa maneira, também, matou o Salvador, porque, se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há temor, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado.⁴²

No *Tratado* de André Capelão encontramos eco destas diatribes contra o sexo feminino:

⁴⁰ DALARUN, J. “Olhares de clérigos”. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 29-63. Ver também DUBY, G. *Eva e os padres – Damas do século XII*, *op. cit.*

⁴¹ *Apud* DALARUN, J. “Olhares de clérigos”, p. 35. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p.29-63.

⁴² *Apud Ibid.*, p. 34.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

As mulheres, aliás, não são apenas avaras por natureza, mas também curiosas e falam das outras mulheres; são vorazes, escravas do próprio ventre, volúveis, inconstantes no que falam, desobedientes, rebeldes às proibições; são maculadas pelo orgulho e cobiçam a vanglória; são mentirosas, dissolutas, tagarelas, não respeitam segredos; são luxuriosas ao extremo, dadas a todos os vícios e não têm afeição verdadeira pelos homens.⁴³

Como podemos notar, são freqüentes as citações de vícios e defeitos femininos na literatura parenética medieval que, constantemente, utiliza-se de exemplos de homens, como Adão, Lot, Sansão, Salomão, o profeta Davi, dentre outros, que se perderam por conta das mulheres. Na *Correspondência*, uma série de cartas que teriam sido escritas por Abelardo e Heloísa por volta de 1132, na sua segunda carta (quarta do total do *corpus*) Heloísa concorda com o ditado “que a esposa de um homem é o mais dócil instrumento de sua ruína”.⁴⁴

Dito isto, não é difícil entendermos o medo que os homens medievais tinham das mulheres e, em particular, o medo que os maridos tinham de suas esposas, temiam ser enganados, desvirilizados, enfeitiçados e até mesmo mortos por aquela que os tinha sido dada em matrimônio. Nos *lais* de *Equitan* e do *Homem-Lobo*, Maria de França parece justificar este medo ao revelar a perniciosidade das esposas.

No *lai* de *Equitan*, a Dama tornou-se “amiga” do rei Equitan, senhor de seu marido. Muito se amaram, mas os súditos do rei passaram a incomodar-se com o fato de seu senhor não se casar. A Dama, ao saber disso, alarmou-se; temia que o rei tomasse uma esposa e se separa-se dela. O rei respondeu que não se casaria e nem a deixaria por outra e que, se seu marido estivesse morto, a faria rainha. Após ouvir essas palavras, a Dama revela seu poder nocivo: planeja a morte de seu marido e solicita a ajuda do rei.

⁴³ ANDRÉ CAPELÃO, *op. cit.*, p. 290.

⁴⁴ DUBY, G. *Helóisa, Isolda e outras damas no século XII: uma investigação*, *op. cit.*, p. 66. Ver também o subcapítulo “O verdadeiro rosto de Eloísa”, no qual José Enrique Ruiz-Domènec ilustra a discussão sobre a autenticidade ou não da *Correspondência*, além de analisar o emergir da individualidade, ou seja, do “eu”. RUIZ-DOMÈNEC, J. E. *O despertar de las mujeres: La mirada femenina en la Edad Media*. Barcelona: Península Atalaya, 2000.

De artimanha feminina Maria de França também escreve no *lai* do *Homem-Lobo*. Na Bretanha havia um barão muito honrado e estimado pelos vizinhos. Este barão tinha uma esposa, ambos amavam-se.

Entretanto um fato incomodava a sua esposa: três dias por semana seu marido sumia, ninguém sabia o que ocorria e por onde ele andava. A Dama indagou ao seu marido por onde andava e que ao seu ver ele tinha outra mulher e, se assim for, cometia grave falta. O cavaleiro disse que se contasse perderia o amor dela e causaria sua própria perda. A Dama, não satisfeita, questionou-o insistentemente – curiosidade considerada característica das mulheres – e tanto o agradou que o cavaleiro decidiu revelar seu segredo:

*Dame, jeo devienç bisclavret
 En cele grant forest me met
 al plus espés de la gualdineno
 Quant il li aveit tu cunté
 enquis li a e demande
 s'il se despueille u vet vestuz
 'Dame', fet il, 'jeo vois tuz nuç'
 'Dites pur Deu, u sunt voz dras?'
 'Dame, ceo ne dirai jeo pas;
 kar se jes eüsse perduç
 e de ceo fusse aparceüç
 bisclavret sereie a tuç jurs.
 Ja nen avreie més sucurs,
 de si qu'il me fussent rendu.
 Pur ceo ne vueil qu'il seit seü.'
 'Sire', l adame li respunt,
 'jeo vos eim plus que tut le mund.
 Nel me devez niënt celer
 ne mei de nule rien duter;
 ne semblereit pas amistié.
 Qu'ai jeo fortait, pur quel pechié
 me dutez vos de nule rien?
 Dites le mei! Si ferez bien.'
 Tant l'anguissa, tant le suzprist
 ne poute l faire, si li dist. (Homem-Lobo vv. 63-88) não pode fazer outra coisa, então o diz.*

'Dama, eu me transformo homem-lobo.
 Naquela grande floresta me meto
 mais espesso da mata,
 Quando ele lhe tinha contado tudo,
 ela lhe perguntou
 se ele se despia ou ia vestido.
 'Dama', disse ele, 'eu vou completamente nu'
 'Digas por Deus, onde deixa vossas roupas?'
 'Dama, isso eu não direi;
 porque se as tivesse perdido
 e disso fosse apercebido,
 homem-lobo seria para sempre.
 Jamais teria socorro,
 até que elas me fossem devolvidas.
 Por isso não quero que saiba.'
 'Senhor', a dama lhe responde,
 'eu vos amo mais que tudo no mundo.
 Não me deveis nada esconder
 nem de mim nada duvidar;
 não pareceria amável.
 O que eu fiz de mal, por qual pecado
 duvidas de mim?
 Diga-me! Então farás bem.'
 Tanto o angustia, tanto o pressiona,

O barão contou a sua esposa onde deixava suas roupas. Percebe-se que a mulher com sua palavra doce e insistente convence seu marido a revelar todo o segredo. A Dama ficou surpresa e assustada com a metamorfose do marido,



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

não queria mais deitar-se com ele e armou uma estratagem para livra-se dele. Um cavaleiro da região muito a amava e a solicitava e ela nunca correspondeu a tal sentimento.

Mas, diante desta situação, a Dama mandou chamá-lo e disse que concederia seu amor e que poderia fazer dela sua amante. O cavaleiro ficou grato e jurou seu compromisso. Tudo estava arranjado: a Dama então contou-lhe o que acontecia com seu marido. O homem-lobo foi traído e vitimado pela aquela em que confiou.

Todos notaram o sumiço do barão, mas como desaparecia com frequência, acharam que tinha ido embora de vez. Buscaram e perguntaram por ele, mas como não o acharam, deixaram as coisas assim como estavam. A Dama, após ter se livrado do marido, casou-se com o cavaleiro.

Posto isto, questionamos: qual a razão de certas personagens nos *Lais* terem uma faceta negativa? A narrativa, para alcançar sucesso, deve agradar os ouvintes, dentre os quais estão os homens. Assim, para agradá-los era preciso corresponder ao sentimento de apreensão diante da mulher que julgavam perigosa, fato que comprova a penetração na cultura aristocrática da concepção clerical da mulher.

Para delinear a mulher “perigosa”, a autora utiliza-se de características tidas no imaginário medieval como próprias das mulheres: sedutora, manipuladora, falsa, perversa, invejosa, maledicente e traidora. Acreditava-se que esses defeitos femininos eram responsáveis por uma certa desordem social, que atingia em primeiro lugar o universo masculino, idéia refletida nos *Lais*, nos quais os homens aparecem como vítimas das perversidades femininas.

Entretanto, também as mulheres sofrem com a iniquidade de outras mulheres. Ao ser difamada pela vizinha, a Dama no *lai* de *Freixo* sofre a rejeição e a desconfiança do marido. Já no *lai* de *Yonec*, a Dama foi traída pela velha, sua acompanhante, que delatou ao seu senhor, no caso o marido, o amor adúltero vivido entre a Dama e o cavaleiro-pássaro.

Como vimos, os moralistas e pregadores denunciavam o valor negativo da palavra feminina, por isso insistiam na necessidade de a custodiar, de a limitar a espaços, tempos e modos. Convêm frisar que, o controle da palavra



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

feminina é sem dúvida a proteção dos poderes e dos privilégios da palavra masculina.⁴⁵

Como não encontrar nos escritos paulinos a sugestão do silêncio feminino? Na primeira carta aos Coríntios lemos: “Que as mulheres fiquem caladas nas assembléias, como se faz em todas as igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que as mulheres falem nas assembléias” (1Cor 14, 34-35).

No mesmo viés, Paulo coloca na carta a Timóteo: “Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio” (1Tm 2, 12). Tais proposições foram comentadas em demasia por numerosos exegetas e serviram de base para a exclusão da palavra feminina na dimensão pública. Mas, como afirma Carla Casagrande:

A dimensão pública negada à palavra feminina não é tanto um problema de espaços como um problema de funções: cada vez que a palavra abandona o plano da comunicação entre indivíduos singulares para assumir um papel político de fundação e de governo da comunidade, as mulheres devem calar-se porque naquele momento estão os homens a falar. As mulheres não entram em tribunais, não governam, não ensinam, não pregam. A palavra do juízo, do poder, da cultura e da salvação devem manter-se palavras masculinas.⁴⁶

Embora o cristianismo medieval procurasse manter as mulheres longe do sagrado e excluídas do mistério e, em especial, do mistério da palavra, é inegável o papel desempenhado pela mulher na Igreja primitiva, sua influência e, principalmente, seu apoio à nova religião foi de vital importância e, só gradualmente, a liderança feminina desloca-se para o domínio masculino.⁴⁷

Mas, ainda assim, os clérigos recorriam à força persuasiva da palavra feminina para uma pastoral privada, às mulheres é proposto a missão de auxílio à salvação do marido, e conseqüentemente dos filhos, poder reconhecido

⁴⁵ CASAGRANDE, C. “A mulher sob custódia”. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 99-141.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 135.

⁴⁷ Cf. FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992; WEMPLE, S. F. “As mulheres do século V ao século X”. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 227-271.



também por São Paulo: “o marido não cristão é santificado pela esposa cristã” (1Cor 7, 14).

Além de evangelizadora assídua do marido e dos filhos, as mulheres deveriam usar sua palavra para bem aconselhá-los e instruí-los, neste sentido, muitos abades, bispos, poetas, recorriam à esposa para conseguir favores de seu marido.⁴⁸ Entretanto, baseado na *Política* de Aristóteles (384-322 a. C.), muitos comentadores, a exemplo de Gil de Roma (1244-1316), “consideravam os conselhos das mulheres demasiado passionais e mutáveis, privados de coerência e de racionalidade”.⁴⁹ Assim, seus conselhos deveriam ser apreciados com cautela.

Se a palavra feminina deve ser contida, também as palavras dirigidas a elas devem ser pontuadas, principalmente no que se refere a segredos que, ao chegarem aos ouvidos femininos, tornam-se assuntos públicos pela sua boca. Assim como Sansão revela seus segredos a Dalila, nos *Lais* o Homem-Lobo conta-os a sua esposa e, tanto um quanto o outro, sofrem numerosos males ao confiar nas mulheres.

A separação nítida entre o sexo feminino e o masculino não se dá somente no campo lingüístico mas também no espaço físico: para as mulheres era proposto o espaço interno, privado, enquanto os homens poderiam circular em um espaço externo, público. A casa representa o espaço feminino por excelência, no qual poderiam cumprir suas obrigações e de certa maneira exercer seu poder, poder este limitado, visto que, ainda que lhe era proposto governar a casa, as decisões acerca do patrimônio eram reservadas aos homens, que também eram os responsáveis pelas pessoas, em particular as mulheres, que habitam sobre o seu teto.⁵⁰

As mulheres deviam estar sob a tutela masculina e deveriam sobretudo consentir em sua submissão, conforme coloca o apóstolo Paulo: “Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. De fato, o marido é a cabeça de sua esposa” (Ef 5, 22-23). Tal idéia encontra nos escritos de Santo

⁴⁸ DUBY, G. *Eva e os padres – Damas do século XII*, *op. cit.*

⁴⁹ CASAGRANDE, C. “A mulher sob custódia”, p. 136. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 99-141.

⁵⁰ Ver VECCHIO, S. “A boa esposa”. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 143-183.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Agostinho um desenvolvimento maior, que serve de justificativa teórica para o tipo de relação entre os sexos proposta no período medieval e, acima de tudo, estabelece as causas da desigualdade, afirmando a superioridade natural do sexo masculino. Deste modo, os homens deveriam proteger, controlar, vigiar, corrigir e se preciso castigar, ou até mesmo matar, as mulheres que estivessem sob sua custódia.

Ainda que aparentemente contraditório, o tão ameaçador e temido sexo feminino era visto como sexo frágil, como coloca Françoise Piponnier:

Fisicamente fracas, moralmente frágeis, as mulheres são consideradas na Idade Média como seres a proteger contra os outros, mas também contra si próprias. Pertencam elas por nascimento ao mundo dos guerreiros ou ao dos trabalhadores ou, por escolha, ao mundo dos que rezam, elas são submetidas à vigilância e à direção dos homens da sua “ordem”.⁵¹

Conforme o mesmo, embora a vigilância e a direção por parte dos homens e a obediência por parte das mulheres sejam o ideal da sociedade masculina, obviamente, a situação feminina varia de acordo com sua posição social. No grupo dos trabalhadores, a condição das mulheres é diversificada e flexível, visto que, ao precisarem muitas vezes contribuir com a economia familiar, dispõem de uma liberdade maior de ação e deslocamento. Entre a aristocracia guerreira, as mulheres são mais vigiadas e controladas, contudo, circulavam por espaços mais abertos se comparadas às religiosas que, consagradas a Deus, deveriam restringir-se ao claustro, ou seja, ao encerramento completo.

De qualquer maneira, para preservar e controlar as mulheres, os homens procuravam mantê-las encerradas em suas casas ou nos mosteiros, lugares que materializavam a custódia masculina. Se observarmos os *Lais* de Maria de França por meio de uma perspectiva espacial, notamos a diferenciação entre um espaço externo e aberto no qual os homens circulam e um espaço interno, fechado e, principalmente, vigiado reservado as mulheres.

As preocupações presentes na sociedade medieval advindas do perigo e também da fragilidade feminina, fazem com que as mulheres sejam controladas pelos limites do espaço privado. Para justificar e retificar tal confinamento, muitos sermões e tratados dirigidos às mulheres usam o

⁵¹ PIPONNIER, F. “O universo feminino: espaços e objetos”, p. 441. *In*: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 441-459.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

exemplo da personagem bíblica de Dina (Gn, 24) para alerta-las do perigo que correm e provocam ao saírem de suas casas ou dos mosteiros:

Nas praças e nas ruas, no percurso que conduz de casa à igreja, a mulher pode ser vista e, no dizer dos pregadores e dos moralistas, provocar nos homens, sobretudo se forem jovens, inesperados desejos de luxúria; daí resultam violências, enganos, adultérios que semeiam a desordem e a discórdia no núcleo familiar e na comunidade social.⁵²

Preocupados com sua honra que dependia também do comportamento das mulheres que estavam sob sua tutela, os homens esforçavam-se em mantê-las o máximo possível enclausuradas, e se era preciso fazê-las sair, procuravam escoltá-las⁵³, como ocorre com Isolda no *lai* de *Madressilva*. Entretanto, esta obsessão masculina em proteger, vigiar e controlar as mulheres por meio da restrição espacial choca-se com a permeabilidade das fronteiras. O ingresso masculino, por exemplo, em lugares mais especificamente femininos parecia não ser tão improvável, fato verificável nos *Lais*.

Por meio destas análises da situação da mulher na Idade Média e sua oportuna comparação com a fonte utilizada que, acima de tudo, é uma obra de ficção, procuramos demonstrar que Maria de França projeta a representação do espaço conforme o queria a sociedade medieval, em especial, a aristocracia e o clero. A partir disto pontuaremos algumas reflexões acerca dos *Lais*.

Ao serem retratadas em cenários pouco variáveis e fechados, reservados ao seu sexo, as mulheres nos *Lais* parecem ter paradoxalmente uma certa liberdade de ação ao estarem parcialmente protegidas dos olhares de outrem pelas paredes e portas. Será então que Maria de França reitera com isto a insubordinação feminina, visto que, mesmo enclausuradas continuam agindo? Ou será que a autora ridiculariza a vigilância masculina?

Nos *Lais*, a extrema vigilância serve de caracterização para o mau casamento, no qual o marido pretende ocultar e proteger sua esposa com o objetivo de

⁵² CASAGRANDE, C. “A mulher sob custódia”, p. 116-117. In: DUBY, G., PERROT, M. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 99-141.

⁵³ A peregrinação feita por Adèle de Flandres à Roma em meados do século XII serve para ilustrar este fato. Durante o longo percurso, Adèle “permaneceu encerrada em uma espécie de casa ambulante, uma liteira de cortinas constantemente fechada”. DUBY, G. “Convívio”. p. 93. In: ARIÉS, P., DUBY, G. (dir.), *op. cit.*, v. 2, p. 49-95.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

impedir a sociabilidade feminina que, dentre outras coisas, pode resultar no adultério. No *lai* de *Guigemar*, de *Yonec*, de *Rouxinol*, de *Milun* e de *Madressilva* vemos a presença das malcasadas, apresentadas como vítimas da crueldade e arbitrariedade do marido que, segundo a autora, quando velhos, são naturalmente ciumentos, devido ao temor de serem traídos: a idade os obriga a passar por isto (Guigemar vv. 213-217).

Entretanto, todo este controle não impede as personagens femininas de agirem dentro dos espaços que lhes foram reservados. Assim, o adultério feminino é recorrente e quanto a isto retomaremos uma observação central: ainda que na sociedade medieval o adultério feminino seja considerado uma falta grave levando até à morte da acusada, nos *Lais*, Maria de França coloca em discussão o valor contestável do casamento e, em contrapartida, o valor indubitável do amor que, torna-se um agente atenuante do adultério feminino, ainda que no *lai* de *Guigemar* a autora coloque a tentativa do marido, aconselhado por um dos seus barões, de punir sua esposa com a reclusão total em uma torre.

Notamos certa sensibilidade da autora às infelicidades femininas advindas de um mau casamento. Ao cometerem adultério, essas mulheres não agem de caso pensado contra seus maridos, mas a favor de um sentimento involuntário e arbitrário. Assim, não são nas personagens femininas adúlteras dos *Lais* que encontraremos necessariamente a imagem da mulher má tal como a caracteriza os discursos misóginos medievais.

As figuras femininas que ecoam tais discursos são aquelas que agem por meio da manipulação, da sedução, da falsidade e se utilizam do dom da palavra para proferir maledicências e mentiras. E, seus comportamentos são baseados em intenções ruins que visam o mal do outro.

Os *lais* que abordam tais atitudes negativas caracterizam-se por um tom moralizante pois, como Maria de França afirma no *lai* de *Equitan*, “aquele que procura o mal de outro,/ então todo o mal reverte sobre ele.” (vv.315-316).⁵⁴ Com esta frase a autora justifica o desenrolar dos contos que contam com as

⁵⁴ Encontramos uma interessante constatação no artigo de Jeanne Wathelet-Willem que compara a segunda parte do *lai* de *Equitan* a um *fabliau*, devido a conclusão moral. WATHELET-WILLEM, J. “Equitan dans l’oeuvre de Marie de France”, p. 343. In: *Le Moyen Age*, 69, 1963, p. 325-345.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

personagens femininas cruéis que são punidas de acordo com suas maldades, ou seja, o mal revertido tem o mesmo peso e medida do mal desejado.

Conclusão

Apesar da maior presença da figura feminina na literatura cavaleiresca e sua posição de destaque na relação amorosa, é visível a misoginia da sociedade medieval. Por mais que as personagens femininas compareçam no cenário e, principalmente, ajam dentro dele, seu âmbito de ação e de poder eram limitados, visto que os Lais não deixam de revelar o enquadramento social e mental imposto por uma sociedade marcadamente masculina, que considerava as mulheres como seres humanos naturalmente inferiores. A desconfiança em relação a estas, fundada no que poderíamos chamar de não reconhecimento do outro, carregava-as de uma imagem negativa; seriam, pois, perigosas e ao mesmo tempo frágeis, ainda que isto nos pareça contraditório, mas como demonstramos, passível de ser explicado.

Fontes

- ANDRÉ CAPELÃO. *Tratado do Amor cortês* (introd., trad. do latim e notas de Claude Buridant). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BIBLIA VULGATA (ed. de A. Colunga e L. Turrado). Madrid: BAC, 1985.
- MARIE DE FRANCE. *Lais* (traduits, présentés et annotés par Laurence Harf-Lancner). Texte édité par Karl Warnke. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

Bibliografia

- ARIÉS, P., DUBY, G. (dir.). *História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. “Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero”. In: *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf (acesso: 02 out 2013).
- DUBY, G. *Eva e os padres – Damas do século XII*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- _____. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII: uma investigação*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- DUBY, G., PERROT, M. (dir.). *História das mulheres no Ocidente: A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- HEER, F. *O mundo medieval*. São Paulo: Ed Arcádia Limitada, 1968.
- LE GOFF, J. “Cena 3. A Idade Média: E a carne se torna pecado...”. In: SIMONET, D. (et al.). *A mais bela história do amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual do século XXI*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- _____. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*. Porto: Edições 70, 1985.
- _____. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 2.
- POWER, E. *Mujeres Medievales*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1986.
- RODRÍGUEZ-ESCALONA, M. P. *Poesía misógina en la Edad Media latina* (ss. XI-XIII). Barcelona: Universitat de Barcelona, 1995.
- RUIZ-DOMÈNEC, J. E. *O despertar de las mujeres: La mirada femenina en la Edad Media*. Barcelona: Península Atalaya, 2000.
- ZIMMERMANN, Tânia Regina, MEDEIROS, Márcia Maria de. “Um estudo de caso sobre as representações da mulher na literatura medieval: O Conto do Homem do Mar de Geoffrey Chaucer”. In: *Outros Tempos*, vol. 10, n. 15, 2013, p. 225-243.
- WATHELET-WILLEM, J. “Equitan dans l’oeuvre de Marie de France”. In: *Le Moyen Age*, 69, 1963, p. 325-345.